

Identidade *Post Mortem* no Facebook: Narrativas Póstumas na Contemporaneidade¹

Leticia MUELLER²
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Em meio às reconfigurações dos processos sociais e comunicacionais nas comunidades sociais digitais, a morte física do usuário não necessariamente constitui a morte do corpo online, que pode continuar tendo a identidade construída *post mortem* por outros usuários. Este artigo busca, através da análise da manifestação do luto no perfil no Facebook do finado, compreender como acontece a construção de identidade *post mortem*. Acredita-se que, a partir do discurso deixado no perfil do finado, é possível aproximar-se da compreensão não só da identidade dos sujeitos na contemporaneidade como também da visão de morte e luto digitalizado. Reconhecer como se dá este processo é essencial para compreender como ocorre a comunicação e as trocas estabelecidas no ambiente digital, ausente da materialidade, em que não há indícios *a priori* de que o corpo físico do usuário esteja vivo ou morto.

Palavras-chave: Identidade; comunidades sociais digitais; luto, *post mortem*; morte.

Introdução

As novas tecnologias digitais vem mudando as esferas culturais, sociais, econômicas e políticas. Na sociedade do conhecimento, a lógica comunicacional “muitos-muitos” fez com que a Internet se tornasse um meio de disseminação de informações, ainda que não possamos compreendê-la através da perspectiva de seus

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagem, linha de pesquisa “Processos Midiáticos e Práticas Comunicacionais” da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Graduada em comunicação social com habilitação em jornalismo (2014) pelo Centro Universitário Uninter. E-mail: leticiamueller@gmail.com

usos particulares, mas sim por suas capacidades inerentes. A Internet é consolidada pelos “gêneros de uso conectados por acesso online” (MILLER, 2013, p. 165) e se desenvolve em um ambiente que propicia diversos fenômenos e possibilidades de ressignificações dos processos sociais e do processo comunicacional. A integração entre máquinas e homens nas redes interativas de computadores cria novas formas e canais de comunicação. “A sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 1999, p. 25). Sendo assim, o uso do computador pode ser visto como um potencializador do desenvolvimento sociocognitivo na contemporaneidade.

A Internet proporciona para os usuários uma maneira particular de ver o mundo e caminhos específicos de interação com o outro. Nesse processo de apropriação tecnológica, temas como a morte também migraram para o ambiente online em busca de ressignificações. Desde o surgimento das redes sociais digitais, obviamente, diversos usuários já faleceram. Assim surgiram iniciativas de “adaptação espontânea” e utilizações inusitadas por parte daqueles que vivenciam esses espaços.

Tais apropriações estão associadas ao próprio processo pelo qual passa o entendimento de morte dentro da estrutura social atual, por exemplo, no caso da rede social Facebook. Nota-se que é comum manifestar o luto na plataforma, seja na própria página pessoal e também na do indivíduo falecido. Amigos e parentes utilizam as páginas pessoais nas redes sociais dos finados para, paradoxalmente, dizer adeus a quem morreu, deixar mensagens carinhosas e até mesmo relembrar antigas memórias. No Facebook, dos cerca de 1,5 bilhão de usuários ativos, estima-se que 10 a 20 milhões sejam de usuários falecidos. Inclusive, uma pesquisa feita na Universidade de Massachusetts constatou que em 2060³, existirão mais perfis de pessoas mortas do que vivas no Facebook.

Por isso, este artigo tem o objetivo de compreender de que maneira os processos comunicacionais dos usuários com o perfil de pessoas mortas no Facebook narram e constroem a identidade dos falecidos, reconfigurando as manifestações do luto e transformando as representações da morte nas redes sociais digitais.

O objeto do estudo foi o perfil no Facebook de Maria Vitória, uma estudante de Publicidade e Propaganda que morreu em Porto Alegre em um acidente de carro em outubro de 2012 aos 22 anos. A escolha do perfil no Facebook para análise se deu em

3

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI344633-17770,00-ALGUM+DIA+O+FACEBOOK+TERA+MAIS+PERFIS+DE+MORTOS+DO+QUE+DE+VIVOS.htm>

razão do grande número de contatos da usuária e da alta taxa de interatividade mantida por ela quando viva, e também pela grande quantidade de mensagens deixadas posteriormente em seu perfil na rede social digital.

Processos Sociais e Comunicacionais no Ambiente Online

O computador é para a sociedade contemporânea mais do que uma ferramenta de comunicação, mas também um meio de transformação dos modos de cognição e interações perceptivas (TURKLE, 1997). A interatividade digital é um tipo de relação tecno-social baseada no diálogo entre homens e máquinas cujo contato é permitido por “interfaces gráficas” em tempo real e que transforma as relações entre sujeito e o objeto (LEMOS, 1997).

A aceleração da troca de informações no ambiente online nos dá o poder de desencarnar, ficar alheios as convenções de espaço e tempo, para nos tornarmos personas virtuais capazes de viajar na velocidade da luz. Isso confunde as relações dos seres humanos com o mundo e desordena a história (VIRILIO, 2011).

As pessoas estão imersas na mídia simultaneamente, e por muito tempo, às vezes sem perceber que estão expostas a ela. Ocorre uma multiplicação de experiências mediadas que usualmente leva a uma falta de consciência da presença da mídia, amplificando e acelerando uma fusão contínua de todos os âmbitos da vida em sociedade e levando a “obsolescência da binariedade morto-vivo” (DEUZE, 2013, p.119).

Assim, o luto também é manifestado em comunidades online e durante esse processo social e comunicacional, com a postagem de conteúdos multimídia sobre o falecido, ocorre uma construção post mortem da identidade do finado.

Já vivemos em uma sociedade zumbi, em simbiose com tecnologias que se fundiram com a experiência vivida até o ponto em que as distinções entre vida orgânica e tecnológica desapareceram ou tornaram-se sem sentido. (DEUZE, 2013, p. 114)

Esse processo permite que o indivíduo construa diversas identidades, seja física ou comportamentalmente, não só de si próprios, mas também daqueles que já não estão vivos e permanecem com o perfil ativo nas redes sociais digitais.

Nas redes sociais virtuais, os corpos de vivos e mortos não se diferem. A digitalização do corpo eterniza-o e ativa relações comunicativas a seu redor, a fim de

conservar de alguma maneira a presença do falecido (REZENDE, 2015, p. 21). O perfil não é abandonado, assim como o abandono do corpo nunca foi culturalmente aceito por nenhuma sociedade ao longo da história da humanidade (ARIÉS, 2012).

Porém, como a imagem gerada no ambiente online é um modelo reformulado através de composições numéricas de linguagem binária estabelecidos por conceitos lógicos e matemáticos dos programas de computador, tudo que se vê na tela corresponde à simulação. Logo, mortos e vivos nas comunidades sociais online são compostos pela mesma linguagem binária.

Assim, o perfil no Facebook é um local, um corpo digitalizado “quase” eterno, imune aos efeitos do tempo no sentido físico, mas ainda a mercê de uma falha tecnológica nos backups dos servidores. O indivíduo finado é capaz de permanecer com o corpo digital:

O corpo morto representado no mundo virtual constrói uma morte limiar, que poderia ser, mas não é. Em uma tentativa de fazer durar o que não pode perdurar, manter uma existência virtual de quem morreu é uma forma de transcender a vida. (REZENDE, 2015, p. 10)

O perfil, como um retrato, dá corporeidade e identidade ao morto, intensifica as trocas comunicativas, na medida em que serve de referencial para os vivos perpetuarem a lembrança de quem morreu. Visitando o Facebook do morto, é possível relembrar a identidade, reconstruir sua persona através de lembranças e ainda manter uma boa impressão daquele que partiu.

Construção de Personas nas Comunidades Online

As comunidades sociais online atuam como agentes para compartilhar emoções e sentimentos, que “são a base do crescimento e manutenção de nossa imagem, tanto digital quanto pessoal. Sem as emoções, todo o sistema de mídia social entraria em colapso” (KERCKHOVE, 2015, p.54).

Ao construir o perfil no Facebook, o usuário edita a própria representação de si conforme gostaria de ser visto pela sociedade. Essa construção ocorre não apenas através de símbolos imagéticos, mas também textuais e por meio das escolhas sociais de compartilhamento de conteúdos e interações com o outro.

Os perfis dos atores no Facebook são personas, não no sentido de serem falsos ou enganosos, mas sim pela perspectiva de serem construções ou versões de si que os atores sociais elaboram e reelaboram constantemente) performaticamente, selecionando comportamentos e materiais de acordo com a impressão que querem causar a sua audiência em determinado momento. (POLIVANOV, 2015, p. 227)

Nossas identidades e experiências em um espaço de mídia em rede e interconectado estão sempre abertas a intervenção, censura e alteração de diferentes formas (DEUZE, 2013, p. 120). O usuário desenvolve uma atitude performática, revelando traços de si e dando aos outros usuários da rede de contatos a percepção de como pretende ser representado. Da mesma maneira, ao postar conteúdo no perfil do falecido, é possível construir a identidade e não apenas mantê-lo ativo na memória do coletivo, como garantir a construção de uma identidade otimista, baseada nas virtudes de quem já morreu.

Manifestar o luto na rede social online para transmitir a tristeza é uma forma de já não mais sofrer sozinho, em uma “espécie de massificação da interatividade social, consistindo em conexões entre muitos indivíduos que respondem a algum problema atual como um coletivo significante” (KERCKHOVE, 2015, p. 55). O luto coletivo e digitalizado, manifestado por meio da postagem de conteúdos multimídia, ressignifica o corpo online do morto, reconstruindo colaborativamente a identidade.

A construção da persona na rede social pode ser um processo decorrente da necessidade de aumentar o capital social presente nas relações sociais do indivíduo finado, como um estímulo para construir a identidade que poderá atrair mais simpatizantes e conservá-lo presente na memória da coletividade.

Dessa forma, a identidade construída nas comunidades virtuais sofre a interferência de outros usuários, mesmo depois que o corpo off-line já está morto. É a “necessidade de comunicação como um fim em si mesmo” (MILLER, 2013, p. 196).

O Facebook, assim como outras redes sociais online, fazem as pessoas reagirem em ondas emocionais que podem congrega outras de diferentes contextos sociais (KERCKHOVE, 2015 p. 58). Assim, pessoas de diferentes círculos sociais interagem com o perfil de morto, que se transforma em um verdadeiro memorial, um ponto de encontro não físico, mas virtualmente localizado em um endereço online, onde existe um repositório de imagens, textos, vídeos e mídias convergindo e construindo uma identidade post mortem do defunto.

Morte e Sociedade

Cada cultura, situada em um determinado espaço territorial e em um período de tempo, tem uma forma de lidar com a morte. A preocupação pelos mortos faz parte da natureza do homem e consiste em uma apreensão e também revolta contra a própria morte (MORIN, 1970, p. 15). Mesmo os homens de Neanderthal davam sepultura para os mortos e já esboçavam sentimentos de resignação perante a finitude da existência.

O cadáver humano já suscita emoções que se socializam em práticas fúnebres e a conservação do cadáver implica um prolongamento da vida. O não abandono dos mortos implica a sua sobrevivência. Não existe praticamente qualquer grupo arcaico, por muito primitivo que seja, que abandone os seus mortos ou que os abandone sem ritos. (MORIN, 1970, p. 25)

Durante a segunda metade da Idade Média, do século XII ao século XV, a morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo e estabeleceu a própria individualidade. Um reflexo disso é a individualização das sepulturas, que significava o desejo de conservar a identidade do morto, sair do anonimato e perpetuar a memória do defunto (ARIÉS, 2012, p. 62).

A partir de então, torna-se comum visitar os túmulos para recordar os mortos. O cemitério caracteriza-se como um dos principais locais da representação da morte, comportando também os conceitos de espaço, tempo, memória e esquecimento.

O intuito é preservar a lembrança do falecido na memória coletiva. Só a coletividade pode manter viva a memória de uma pessoa que morreu. Como o ser humano é um ser social, a morte constituiria o esquecimento total, o fim absoluto, a menos que se possa sobreviver na memória coletiva de um determinado grupo.

Entretanto, a partir do século XX, entre 1930 e 1950, a morte deixa de ser familiar e passa a ser um objeto interdito. Um fator material importante que impulsionou essa transformação foi a transferência do local da morte. Já não se morre em casa entre familiares, mas sozinho no hospital devido à incapacidade da equipe médica em salvar o doente. “A morte é um fenômeno técnico causado pela parada dos cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão do médico e da equipe hospitalar” (ARIÉS, 2012, p. 86). Os avanços da medicina e o aumento da expectativa de vida levaram a sociedade a crer que “a morte não é mais um golpe da natureza, mas uma traição técnica” (LEPARGNEUR, 1986, p. 62).

A mudança moderna na maneira de visualizar a morte está relacionada com a noção de indivíduo. A partir do momento que a sociedade enxerga o papel social individual de cada um e reconhece a noção de indivíduo, a morte ganha um novo significado. Além disso, com a modernidade, o homem vive um momento em que se percebe capaz de realizar a dominação de tudo aquilo que está ao seu redor, controlando os fenômenos da natureza.

Mas, no Facebook, os usuários podem diariamente velar o corpo online do morto e ainda interagir com outros contatos da rede, evitando o sepultamento final e definitivo do corpo. Na cerimônia que ocorre na rede social digital, cada um pode participar da sua maneira.

Através de postagens diretas no perfil do falecido, o usuário pode expressar suas condolências e ainda ler e interagir com outros usuários que também fazem parte da rede do morto. O luto, como forma de expressão social da dor dos parentes e próximos do morto, ganha nova reconfiguração, pois o corpo online permanece intacto e presente virtualmente em meio aos outros.

A morte ganha um novo sentido por meio das comunidades virtuais, desenvolvendo uma espécie de cerimônia em torno de mortos. No ambiente online, o corpo digitalizado instiga práticas comunicacionais.

A necessidade de uma comunicação permanente é própria do homem que deseja não apenas possuir a leveza da imaterialidade, mas o eterno presente, a infinitude, desejando assim, viver em um tempo total, um “tempo sonhos”, que poderia ser encontrado, em certa medida, nas comunidades virtuais da Internet. (REZENDE, 2015, p. 24)

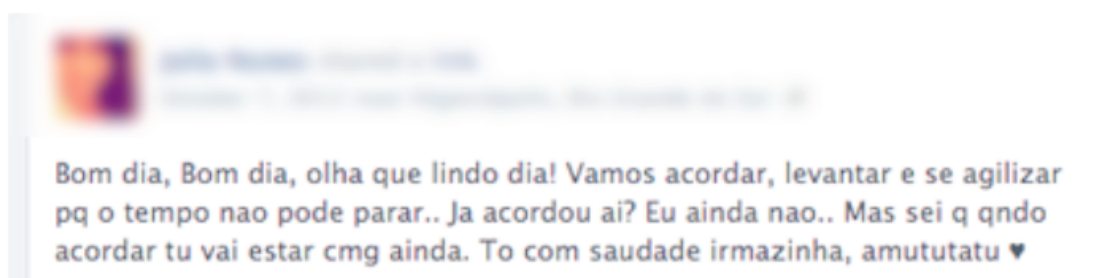
Esse desejo de perpetuação eterna é parte inerente da essência humana. “A tendência é lançar mão da Rede a fim de realizar, enfim, algum desejo já presente, mas até então frustrado, porque as pessoas não tinham meio de realizá-lo” (MILLER, 2013, p. 171). Por isso, a construção e manutenção do perfil online do falecido como forma de mantê-lo presente na memória da sociedade é a manifestação de um desejo latente.

Construção de Identidade Post Mortem no Facebook

Desde que faleceu em 05 de outubro de 2012, até abril de 2017, Maria Vitória já recebeu mais de 600 mensagens em sua página no Facebook. Entre os usuários que mais interagem no perfil estão seu pai, amigas e sua prima. As mensagens mais postadas referem-se a conteúdos nostálgicos, lembrando momentos vividos com a finada.

Nota-se que nos primeiros três meses após a morte, amigas mandavam mensagens íntimas de cunho pessoal.

FIGURA 1 – PRINT DA MENSAGEM DEIXADA PELA AMIGA



FONTE: FACEBOOK

Outro amigo inicia a mensagem falando diretamente com Maria, agradecendo pelas experiências vividas em conjunto e termina em forma de conselho genérico direcionado aos amigos da rede de contato. O mesmo usuário usa o perfil da falecida para comunicar frases de efeito de valorização da vida, construindo uma identidade para si e ressignificando a identidade da finada.

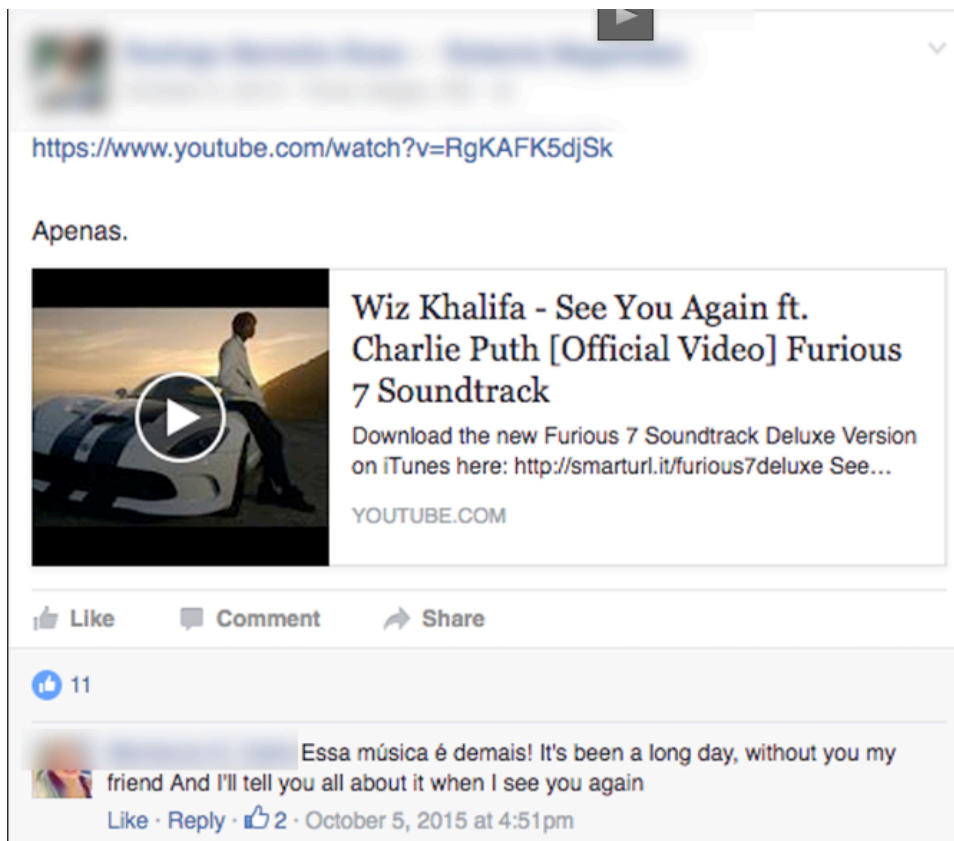
FIGURA 2 – PRINT DA MENSAGEM QUE ACONSELHA OUTRAS PESSOAS



FONTE: FACEBOOK

Percebe-se um grande número de compartilhamentos de vídeos, fotos e músicas, que em conjunto, reconstróem a identidade da Maria no perfil online e incentivam a interação com outros usuários da rede de contatos.

FIGURA 3 – PRINT DA MENSAGEM DEIXADA PELO AMIGO



FONTE: FACEBOOK

Mesmo morta no ambiente off-line, Maria permanece ativa no online em decorrência dessas publicações coletivas, inclusive incentivadas por seu próprio pai.

FIGURA 4 – PRINT DA MENSAGEM DEIXADA PELO PAI
INCENTIVANDO O ENVIO DE FOTOS



FONTE: FACEBOOK

Muitas mensagens relembram a personalidade de Maria, de forma que o perfil parece levar os usuários a presentificar o sujeito finado.

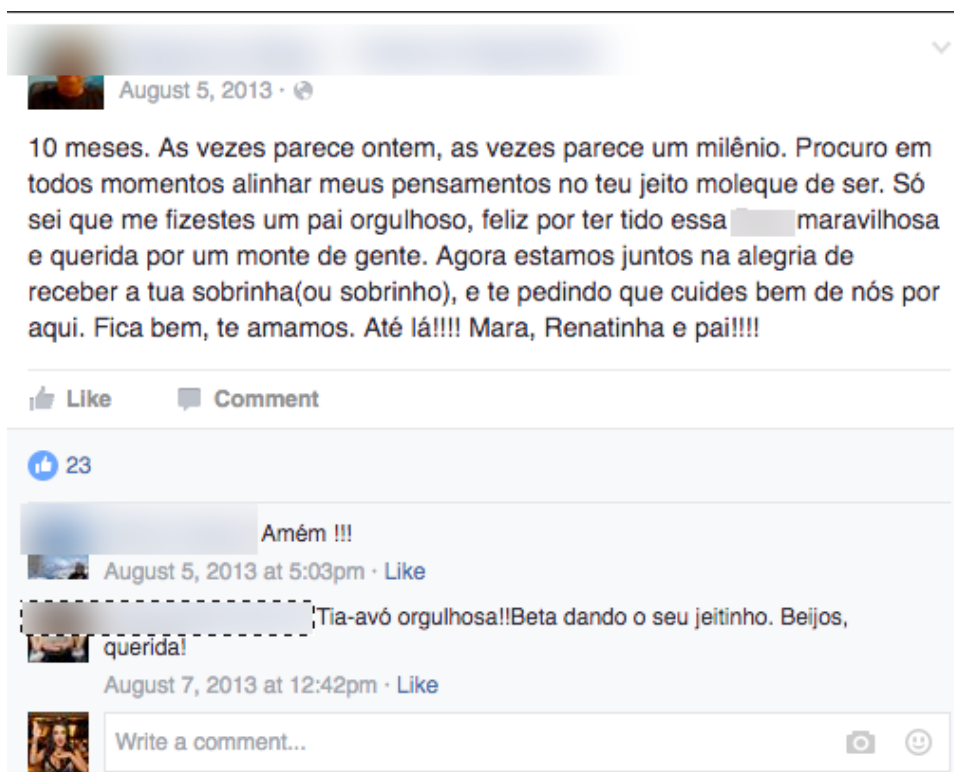
FIGURA 5 – PRINT DA MENSAGEM DEIXADA PELA AMIGA



FONTE: FACEBOOK

O que mais se nota é o uso da 3ª pessoa no singular. De forma interativa, as mensagens tornam-se um diálogo entre os agentes da rede de contato - apesar da falta de interação da receptora, obviamente. O discurso direcionado à falecida ganha engajamento com outros usuários, já que qualquer um da rede de contatos de Maria pode não apenas ler as postagens, mas curtir, comentar e compartilhar, o que costuma ocorrer na grande maioria das mensagens.

FIGURA 6 – PRINT DA MENSAGEM QUE FOI DEIXADA PELO PAI E CURTIDA E COMENTADA POR OUTROS USUÁRIOS



FONTE: FACEBOOK

Percebe-se o registro eterno da mensagem de saudades de maneira compartilhada. Os usuários dividem suas angústias, consolam-se, celebram a vida de Maria e relembram datas marcantes, inclusive que ocorreram depois da sua morte, como o nascimento da sobrinha, evidenciado na Figura 6.

Essas postagens constantes, mesmo passados três anos após a morte de Maria, parecem ser um cultivo ao perfil e uma forma de não abandonar o corpo online que tem a identidade sendo continuamente construída por todos aqueles que têm acesso ao seu perfil pessoal no Facebook.

Considerações Finais

As novas tecnologias, assim como o telefone, a foto digital, a televisão e o videotape, provocam mudanças na percepção espacial-temporal de seus usuários. Isso modifica os processos comunicacionais e cognitivos em todos os âmbitos da sociedade, como comércio, relacionamento afetivos, religião, e também em relação a morte, o luto e a identidade post mortem.

Essa continuidade póstuma de construção da identidade por meio das postagens no perfil da usuária falecida seria uma forma de conservar ativa e “bem cuidada” a imagem de Maria Vitória no ambiente online. É nesse sentido que a comunidade torna-se um espaço de relação entre os vivos e os mortos, uma espécie de “além digital” onde os usuários mantém os finados ativos na memória dos vivos por meios de textos, vídeos e imagens.

Os perfis no Facebook parecem ser uma ressignificação das lápides nos cemitérios físicos a medida em que são visitadas em memória da falecida, porém, a interação mantida revela que existe uma necessidade de presentificação do sujeito.

Como cerimônia pública construída, diariamente, pelos usuários, e que permite a manifestação do luto de forma mais espontânea e menos solitária, o luto compartilhado no ambiente online fica registrado na timeline do perfil do falecido e contribui para a reconstrução da identidade post mortem.

Se as imagens e o corpo online são um meio de afirmação da individualidade diante do perecimento, da decomposição e do esquecimento, pode-se dizer que as imagens ajudam a amenizar o sentimento de temor do esquecimento e da mortalidade humana. Visitando o Facebook de quem morreu, é possível relembrar a identidade e ajudar a reconstruir sua imagem através de lembranças, seja ela alinhada ou não conforme as expectativas do morto. Criam-se novos conteúdos sobre o finado para mantê-lo vivo na memória da coletividade.

Dessa forma, os amigos e familiares mais íntimos sentem-se motivados a deixar mensagens carinhosas, e assim, acabam construindo progressivamente uma nova identidade post mortem. Para quem parte, é uma forma de ser lembrado; para quem fica, é uma forma de lembrar de quem já não está aqui.

Referências Bibliográficas

- ARIÉS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos** – seguido de envelhecer e morrer (tradução: Plínio Dentzien). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- DEUZE, Mark. **Viver como um Zumbi na Mídia** (é o único meio de sobreviver). *MATRIZES*, v. 7, n. 2, p. 113-129, 2013.
- KERCKHOVE, Derrick de. **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. *MATRIZES*, v. 9, n. 1, p. 53-65, 2015.
- LEMOS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre Interatividade e Interfaces Digitais**, 1997. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017
- LEPARGNEUR, François Hubert. **Lugar atual da morte: antropologia, medicina e religião**. Edições Paulinas, 1986.
- MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Portugal: Publicações Europa-America, 1970.
- POLIVANOV, Beatriz Brandão. **Personas no Facebook e consumo da afiliação**: percepções sobre (des) encaixes entre selves on e off-line. *Revista Organicom*, v. 12, n. 22, 2015.
- REZENDE, Renata. **A morte midiaticizada**. Como as redes sociais atualizam a experiência de fim da vida. Niterói: Eduff, 2015.
- TURKLE, S. **A Vida no Ecrã**. A identidade na era da Internet. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- VIRILIO, Paul. **Speed and Information**. Disponível em: <<http://scottkleinman.net/495dh/files/2011/09/Virilio.pdf>> Acesso em: 10 abr.2017